

Caosmose e Turismo: Desafios para a Construção da Trama das Trilhas Metodológicas

Maria Luiza Cardinale Baptista¹

Resumo: O presente texto apresenta o cenário de caosmose comunicacional e os processos de desterritorialização, como fatores desafiadores para a produção da pesquisa em Turismo. Propõe-se a metáfora da viagem, como inerente aos processos de produção da investigação, assim como do turismo e da comunicação. A perspectiva é transdisciplinar, associando as reflexões sobre o cenário da mutação da Ciência Contemporânea, aos pressupostos da Esquizoanálise e outras Teorias da Significação e Subjetividade, que contribuem para explicar a trama sociotécnica e midiática em que os fluxos informacionais ocorrem. O viés metodológico é de cartografia teórica, a partir do reconhecimento de padrões sinalizadores de potência de produção de conhecimento. O texto reflete sobre os desafios de produzir Ciência do Turismo, em meio ao caos contemporâneo e, nesse sentido, propõe a produção de esboços delineadores de uma viagem investigativa, a partir da produção da cartografia de saberes, com o estabelecimento dos eixos teóricos e de procedimentos operacionais e de uma narrativa inscricional, que possibilite ao sujeito da escrita enfrentar as agruras inerentes ao processo e a se autorizar a ser autor da pesquisa e ser autor do texto que relata a 'viagem investigativa'.

Palavras-chave: Turismo. Comunicação. Pesquisa. Desteritorialização. Metodologia.

Em busca de trilhas referenciais

Começo dizendo que este texto representa parte de um longo processo em busca de construção de trilhas referenciais para a produção da pesquisa, mais recentemente, para a produção da pesquisa em Turismo, em função da minha vinculação à área, como docente e pesquisadora. Se metodologia diz respeito aos caminhos da pesquisa, a proposição de trilhas implica o reconhecimento, *a priori*, de que existe, de fato, uma trama de trilhas, um emaranhado de possibilidades para a produção da investigação em Turismo. Como eu costumo afirmar: pesquisa é um jogo de escolha múltipla. Usando a metáfora da viagem por uma floresta (de potências de saberes e vivências no campo da pesquisa), posso pensar na proporção de

¹ Jornalista, pela UFRGS, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Mestrado em Turismo da UCS (BRASIL). Pesquisadora com apoio CNPq. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP). Diretora da empresa Pazza Comunicazione, de Porto Alegre (BRASIL). Email: malu@pazza.com.br.

significados dos desafios para o pesquisador que se vê no início da viagem. Há muitos caminhos e muitas possibilidades, aspectos que são vislumbrados, numa espécie de ‘vale de alegria’, quando somos aceitos por um programa de Pós-Graduação. O pesquisador, então, vislumbra o que pode vir a ser a sua viagem investigativa. Quando se põe a viajar, no entanto, se dá conta que vai precisar reforçar as bagagens de saberes e trabalhar muito, no sentido de que as estratégias sejam bem definidas (no que é possível bem defini-las, ou seja, precisa também incluir a dimensão de flexibilidade, na bagagem existencial de pesquisador, e utilizá-la na produção do desenho de dissertação ou tese, o delineamento da trama de trilhas e fios de percursos escolhidos).

São muitas dúvidas que emergem e o que mais se encontram são sujeitos perdidos no meio do caminho. Isso ocorre, porque, de um lado, os pressupostos da metodologia tradicional não dão conta de um processo de desterritorialização desejan² da pesquisa (o percurso mesmo do pesquisador) e, por outro, não se trata de propor o abandono de todo e qualquer elemento sinalizador de devires caminhos, ou reterritorializações (por escolha) para métodos e técnicas tradicionais, que se combinem com estratégias criativas. Dizendo de outra maneira: ao propor avançar para a dimensão de criatividade metodológica, lembra-se que não se cria do nada. E tampouco criatividade é anarquia ou barbárie. Criatividade implica conhecer tanto as gramáticas gerativas de caminhos possíveis na pesquisa, que se possa, coerentemente com os saberes e as escolhas múltiplas da pesquisa, nas suas dimensões epistemológica, teórica, metódica e técnica,³ optar por caminhos novos, propor novas combinações, adequadas à mutação da paisagem científica, dos fluxos e fixos⁴ com os quais nos deparamos, ao nos propormos pesquisadores em Turismo e, no meu caso, também em Comunicação Social.

A abordagem proposta aqui é transdisciplinar, envolvendo um olhar para o Turismo, a partir de áreas como: Epistemologia da Ciência; Teorias da Significação; Teorias da Subjetividade, especialmente a Esquizoanálise; Psicocomunicação, com o viés da interação dos sujeitos com as tecnologias informacionais e o resultado de uma espécie de estonteamento e saturação informacional, a partir dos agenciamentos midiáticos. Trata-se de proposição, para o Turismo, resultante de pesquisa em nível de doutoramento na Escola de Comunicações e Artes da USP; de 25 anos de trabalho de supervisão de textos de teses, dissertações e monografias, em várias áreas de conhecimento; de docência na área de Metodologia da Pesquisa, em cinco universidades; e de sua associação à experiência de docente e pesquisadora no PPGTUR em universidade brasileira.

² A expressão está sendo utilizada com base na Esquizoanálise, representando aqui o processo de desacomodar-se, em busca da potência do desejo rumo ao prazer; constitui a saída das linhas duras e fixas, para o acionamento da busca. Em outra nota deste texto, apresento mais detalhes sobre a significação de território, segundo a Esquizoanálise. (GUATTARI; ROLNIK, 1986)

³ Trabalhadas por Lopes, na Formulação de um Modelo Metodológico (2005)

⁴ Aqui no sentido de Milton Santos (2008), que considera o espaço primeiramente como um “conjunto de fixos e fluxos”, os elementos fixos como estradas, pontes, construções, barragens e etc, os fluxos são os movimentos que são condicionados pelas ações.

Platô Caosmose

O convívio cotidiano com ‘pesquisadores à beira de um ataque de nervos’, em função das escolhas necessárias, em termos de metodologia, e da necessidade de produção escrita em grande volume e, claro, com excelência de qualidade, segundo os ditames e dogmas da Academia, faz-me observadora privilegiada deste que se transformou em meu constante e, pelo jeito, perene objeto de estudo: os processos de escrita e a estratégia metodológica de pesquisa. Percebo, nesse sentido, que um dos problemas que desafiam a prática da pesquisa é que os sujeitos pesquisadores se veem em meio ao caos informacional. Assim, refletir sobre o cenário caosmótico, considerando, aqui, o conceito de Félix Guattari (1992), me parece algo mais que pertinente. Tem sido, ao longo dos últimos anos, um orientador dos meus estudos, de minhas reflexões, também sobre as agruras da produção científica.

Esse autor, juntamente com seu parceiro teórico Gilles Deleuze, representa uma importante visão teórica que emergiu no século XX, denominada por eles como Esquizoanálise. Trata-se de um conjunto de pressupostos que questionam dois pilares científicos, sintetizados no pensamento de Sigmund Freud, por um lado, com a descoberta do inconsciente e a proposição da Psicanálise como ciência, voltada ao indivíduo; e, de outro, Karl Marx, com o viés explicativo das relações de produção capitalista, com predomínio do capital, como definidor da relação entre dominantes e dominados. A concepção da Esquizoanálise considera uma lógica produtiva, de maquinismos abstratos e concretos, em que o sujeito está atravessado/transversalizado por múltiplos sistemas maquínicos que o constituem. São fatores/equipamentos coletivos de produção de subjetividade. Assim, Guattari define os meios sociotécnicos, entre eles, os de Comunicação Social. Esse aspecto da teoria é importante, porque ajuda a refletir sobre algo que desafia a prática da pesquisa: os múltiplos agenciamentos e fatores de subjetivação do pesquisador; as engrenagens maquínicas de produção acadêmica, como eu tenho chamado.

A expressão ‘caosmose’ dá título a um livro de Felix Guattari (1992), trazendo a composição a partir de caos, osmose e cosmo. A associação das palavras, nessa fusão, informa sobre a condição caótica e de osmose que caracteriza o cosmo. Universos corporais e incorporais. Dimensões visíveis e invisíveis, que se entrelaçam, na produção da trama complexa, de saberes, de vivências, de sujeitos, envolvidos em relação, por muitos agenciamentos, em uma engrenagem maquínica⁵ que se movimenta por maquinismos abstratos, mais que nas expressões semiológicas e nas axiomáticas territorializadas⁶.

⁵ Aqui é importante fazer a ressalva, no sentido de que os maquinismos a que me refiro têm sustentação teórica nos textos de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Suely Rolnik. Para Guattari (1992), a máquina não é a máquina mecânica, mas representa um conjunto de fluxos e engendramentos, concretos e abstratos, onde feixes interacionais vão constituindo algo como um campo de potência para devires. Essas máquinas abstratas podem ser desde uma instituição, como uma universidade, ou um território geográfico, como um país, mas no que elas extrapolam o visível,

Penso que a palavra *caosmose* é emblemática para caracterizar a Ciência Contemporânea e também os processos comunicacionais e turísticos. Trata-se de uma marca dos nossos tempos, em que nos vemos desafiados a compreender a internacionalização dos processos relacionais, de trocas e de trânsito, no mundo. Esse desafio se depara com as novas configurações de forças políticas mundiais e os novos fluxos, de bens materiais, de recursos financeiros, de recursos naturais e, também, claro, de bens simbólicos. Há uma nova ordem de circulação de cultura e de conhecimentos em nível mundial. Uma ordem não pautada pela ordem, propriamente dita, mas pela *caosmose*. Novas configurações de forças, de fluxos, de grupos e campos que vão se aproximando, afastando, conforme o movimento de interesses também se transforma. Isso ocorre na produção de bens materiais, na produção de bens simbólicos, de serviços e, claro, também na produção do conhecimento nas mais diversas áreas.

Nesse ponto, a discussão se associa aos saberes múltiplos de que nos fala Edgar Morin (1991, 2013). Esse autor, em seus textos, nos ajuda a compreender a produção de conhecimento como algo inerente ao Universo e suas transformações e, nesse sentido, que traz a marca indelével do caos, como processo intrínseco, não o caos contrário à desordem, mas o caos como complexidades em potencialidade, a partir do que ele chama de *recursão organizacional*.

Se a reforma do pensamento científico não chegou ainda ao núcleo paradigmático em que Ordem, Desordem e Organização constituem as noções diretrizes que deixam de se excluir e se tornam dialogicamente inseparáveis (permanecendo, entretanto, antagônicas), se a noção de caos ainda não é concebida como fonte indistinta de ordem, de desordem e de organização, se a identidade complexa de caos e cosmo, que indiquei no termo *caosmo*, ainda não foi concebida, só nos resta começar a nos engajar, aqui e ali, no caminho que conduz à reforma do pensamento. [grifo do autor] (MORIN, 2013, p.8)

No caos contemporâneo, percebe-se tanto a grandiosidade da complexidade, mas também a emergência de intensidades abstratas, na constituição de campos de forças, que não só interferem nos fenômenos, mas, muitas vezes, tendem a conduzi-los. Produzir ciência nesse cenário implica em acionamento de aberturas, de coragem, de ousadia e de reconhecimento de si mesmo no processo, bem como de ampliação da percepção das relações e entrelaçamentos. Também implica em desapego a macrovisões explicativas, os paradigmas totalizantes, para um

o dizível, o concreto. Tudo isso é considerado, mas sempre em condições simultâneas, ao que escapam as leis e padronizações narrativas de qualquer organização maquínica.

⁶ O termo território também precisa ser lido com base na Esquizoanálise, representando algo maior que uma delimitação geográfica física. Território é a configuração de limites, mas como eles são passíveis de serem compreendidos na Ciência Contemporânea, na sua dimensão flexível, móvel, mutante, por natureza. Territórios são cristalizações existenciais. Podem estar expressando regiões, mas sempre, no sentido Esquizoanalítico, vão representar mais que a descrição lógica, racionalista e reducionista teve a tendência de fazer, na Ciência Clássica. Feixes de fluxos incorporais a-significantes, que se substituem o tempo todo constituem o território e são postos em ação na desterritorialização.

processo também de desterritorialização de saberes, de disposição para transitar em outros territórios e tentar ampliar a compreensão das conexões. Fica sinalizado aqui, também, que em substituição à lógica da linearidade, entende-se ser pertinente considerar a lógica rizomática, na dimensão de heterogênesse maquínica, onde simultaneamente convivem os territórios existenciais e os universos de referência incorporais e a-significantes, a que se refere Guattari (1992).

Nesse sentido, a caosmose é platô contemporâneo, marcado pelo caos em múltiplas dimensões, social, econômico, político e também em termos de maquinismos e redes midiáticas. Interessante, também, o que afirma Peres et al. (2000, p.37): “[...]a perspectiva esquizoanalítica acredita que duas lógicas permeiam a tessitura ética, na contemporaneidade: a lógica pulsátil (presente nos corpos vibráteis, que não repelem o mundo da sensorialidade, visto que procuram uma existência plena e para isso desejam afetar e ser afetados) e a lógica maquínica (presente nos corpos transformados em máquinas homeostáticas, que perdem qualquer potência de expressão e constroem uma economia narcísica do sujeito)”. [grifo meu] (PERES et al, 2000, p.37)

Do próprio Guattari (1992, p.102), destaco a citação: “O mundo só se constitui com a condição de ser habitado por um ponto umbilical de desconstrução, de destotalização e de desterritorialização, a partir do qual se encarna uma posicionalidade subjetiva”. Há várias conexões possíveis, a partir dessa afirmação. A primeira delas é a das explosões geradoras de universos, com a desconstrução das estrelas. O mesmo parece ocorrer com sujeitos, grupos, movimentos sociais, com a eclosão de processos subjetivos de sujeitos singulares e coletivos. Dos estudos de Maturana (1998), a partir da célula, à compreensão do Universo físico, com Fritjof Capra (1990,1991,1997), tudo parece fazer parte de uma narrativa universal, permeada pela lógica da Física Quântica, pelos conhecimentos do átomo. Somos o todo, somos integrantes do universo caosmótico. Entender isso parece um bom começo para entender processos comunicacionais, os acontecimentos e, principalmente, a incomunicabilidade⁷. Em tempos de internacionalização, aprofundar conhecimento sobre a dimensão caosmótica dos processos subjacentes à Comunicação e ao Turismo, mostra-se como necessidade e urgência.

Aqui, vale ressaltar, também, a conexão com o conceito de autopoiese, conceito utilizado a partir de Maturana (1998). Autopoiese é autoprodução, reinvenção de si, o que significa desconstrução para reconstruir, posteriormente, outra condição de existência, desterritorializar, para reterritorializar territórios existenciais, a partir de um ponto umbilical do qual ‘se encarna uma posicionalidade subjetiva’, para retomar a citação de Guattari. É como se Guattari dissesse que a vida se produz de explosões múltiplas e contatos de universos subjetivos, sob o que ele chama de ‘foco de caosmose’. Tem-se, aqui, o que o próprio autor referiu como a reconciliação entre o caos e a complexidade. O foco de caosmose relaciona-se diretamente com o núcleo de

⁷ Neste ponto, refiro-me às noções trabalhadas pelo grupo Filocom, da ECA/USP, em São Paulo, na proposição da Nova Teoria da Comunicação. O termo incomunicabilidade vem sendo usado por seu líder, o Prof Dr. Cirio Marcondes Filho, para representar as dificuldades inerentes à realização contemporânea do que ele chama de acontecimento comunicacional.

autopoiese, “[...] sobre o qual se realizam constantemente e se formam, insistem e tomam consistência os territórios existenciais e os universos de referências incorporais” (GUATTARI, 1992, p.102).

Construção da Trama da Trilhas Metodológicas

Como vem sendo sinalizado, o texto propõe uma reflexão sobre os desafios de produzir Ciência do Turismo, em meio ao caos contemporâneo, à caosmose. A partir deste ponto, inicio a proposição do que eu venho chamando de esboços delineadores de uma viagem investigativa, para representar o que eu defini, já há bastante tempo, como ‘metodologia da sensibilidade’. Como exercício concreto, trata-se de seguir a lógica de saberes que se expressam, no cotidiano, quando ouvimos as frases: “Está difícil compreender? Quer que eu desenhe?”. Esta a ideia. Tenho proposto, para facilitar a compreensão da estratégia metodológica, que ela seja desenhada, esboçada em um esquema visual, para facilitar a compreensão dos entrelaçamentos, dos fluxos e dos nós fixos que se combinam e vão se expressar na composição da narrativa de viagem. A composição da trama das trilhas é feita a partir da produção da cartografia⁸ de saberes, com o estabelecimento dos eixos teóricos e de procedimentos operacionais. Isso. Num primeiro momento, proponho o desenho cartográfico, que se orienta por linhas de ação, trilhas. Estas linhas se constituem pela cartografia de saberes pessoais, de saberes teóricos, de produção de laboratórios de pesquisa e o registro dos ‘pensamentos picados’.

A primeira trilha que recomendo é a de saberes pessoais. Quer dizer, para começar a pesquisar, o investigador deve procurar refletir sobre o que sabe sobre o assunto. Precisa refletir e fazer vir à tona, à consciência. Quem escolheu um assunto para pesquisar é porque ‘sabe algo’ sobre isso – mesmo que intuitivamente. O pesquisador nem sempre tem claro, no início da viagem investigativa, quais são os referenciais teóricos, as teorias entrelaçadas na proposição do problema de pesquisa, mas, se buscar com atenção dentro de si mesmo, vai conseguir encontrar os seus próprios saberes, seus pensamentos e seu sentimento a respeito das temáticas envolvidas na proposição do problema de pesquisa. Então, deve começar escrevendo uma frase que defina o que quer estudar e, feito isso, identificar quais são ‘os conceitos’ (as palavras-chave desse objeto). Em seguida, deve se autorizar a escrever textos sobre as temáticas envolvidas nesse objeto de estudo. Escrever para ‘botar pra fora’ o que pensa sobre cada um desses assuntos. Estes textos são livres, uma espécie de ‘sondagem de si mesmo’, sem julgamento. Eles vão ajudar o próprio aluno a ‘se dar conta a respeito do que sabe’, do que pensa e do seu interesse de

⁸ A noção de cartografia está sendo utilizada neste texto conforme é apresentada por Rolnik (1989), em Cartografia Sentimental. A autora afirma que a cartografia é um desenho que se faz acompanhando a transformação da paisagem. Eu tenho afirmado, para facilitar a compreensão, que a cartografia é um mapeamento mutante, que valoriza as expressões mais nítidas, mas também as expressões sutis e foscas, buscando apreender a realidade em sua complexidade expressiva, em suas nuances e manifestações abstratas.

direcionamento da sua prosa e, também, o orientador a ter um ponto de partida, ou seja, a se situar em relação ao conhecimento/pensamento/sentimento do pesquisador iniciante (ou não iniciante). Embora sejam ações muito simples, fazem muita diferença para vislumbrar o desenho da pesquisa, especialmente no que tange à sua coerência ao desejo do pesquisador.

A próxima trilha investigativa (área) a ser cartografada são os saberes teóricos. Então, se o pesquisador já escolheu o assunto, sabe as temáticas envolvidas. Essas temáticas são trilhas investigativas, que vai precisar percorrer. Além dos 'saberes pessoais', vai precisar buscar teoria, a respeito dessas temáticas. Vai buscar os 'saberes dos outros', em textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus 'saberes pessoais'. Então, uma vez definidas as temáticas inerentes ao objeto (quer dizer, uma vez reconhecidos os 'conceitos', os núcleos conceituais do que eu chamo de trilhas investigativas), proponho que o pesquisador monte um quadro com os assuntos e as referências teóricas encontradas sobre cada um deles. Esse quadro é importante, porque ajuda a visualizar a cartografia teórica e suas linhas investigativas. Para cada subtemática expressa nas palavras-chave, o pesquisador deve ter referências bibliográficas que direcionem o trabalho teórico. Trata-se, aqui, também, de um quadro-esboço cartográfico, que se refaz o tempo todo, destacando os textos já lidos, já 'trabalhados' efetivamente.⁹

Depois, a terceira trilha é o que eu chamo de 'laboratório de pesquisa', que envolve a criação de situações para que o pesquisador viva a pesquisa. Na perspectiva de um 'objeto paixão-pesquisa', não é possível decidir se essa paixão é válida, se faz sentido, se vai 'dar certo', se não houver uma vivência compartilhada. Quer dizer, quem quer começar a fazer uma pesquisa, precisa iniciar, também, com prática. Então, dependendo do assunto, vai poder pensar algumas situações concretas que permitam 'entrar em contato direto' com o que está estudando, com o que pretende abordar. Isso vai depender do tipo de pesquisa, do objeto de estudo, mas sugiro observação sistemática, conversas informais, exploração preliminar de materiais e/ou documentos, enfim, devem ser acionadas técnicas de aproximação com o fenômeno a ser estudado. Destaco, no entanto, que essas experiências devem ser registradas, sempre, em um Diário de Campo, uma espécie de diário de bordo, dessa viagem intelectual, que é o conhecimento produzido na pesquisa.

Chamo a atenção para o fato de que muitos pesquisadores fazem o laboratório, sem perceber, sem saber, sem técnica, sem registrar o que foi feito. Quer dizer, vivem momentos e atividades de aproximação com o que estão estudando, às vezes envolvendo deslocamentos até o local a ser pesquisado, para conhecer; visitas preliminares, sem fazer registros desses primeiros contatos. Sem registrar antes, durante e depois dessas aproximações, sem considerar que isso 'já é a pesquisa', ainda que não a resultante de procedimentos metodológicos rígidos, definidos *a priori*, com base em modelos e modelizações metodológicas cristalizadas em área mais

⁹ A propósito de documentação, são particularmente interessantes os textos de Umberto Eco (2002), Como se Faz uma Tese e Antonio Joaquim Severino (2001), Metodologia do Trabalho Científico.

tradicionais. Essas metodologias tradicionais são válidas como conhecimento, mas sua expressão geralmente é complexificada e rígida demais, dificultando a vida do pesquisador iniciante (e às vezes não só do iniciante), que encontra, diante de si, uma realidade viva, pulsante e inovadora, no sentido do ‘acontecimento do fenômeno’.

Nesse sentido, deve-se ter em conta que novas pesquisas são novas viagens investigativas e, como tal, devem ter suas orientações estratégicas de viagem próprias, esboçadas pelos próprios ‘pesquisadores-viajantes’. Isso significa dizer o óbvio: metodologias também têm seu tempo e seu espaço. À medida que tudo está em movimento, no universo, a metodologia também deve mudar e adequar-se à ‘mudança da paisagem’ caosmótica. Assim, deve-se ir a campo, até para saber quais serão nossas escolhas e para ter segurança para fazer as escolhas, para priorizar o que coletar, posteriormente, mais detidamente, com foco alinhado aos objetivos. Isso não se decide só lendo, assistindo aulas, conversando com o orientador ou pensando. As decisões de campo precisam ser tomadas com base em saberes que emergem do próprio campo da pesquisa.

Por fim, recomendo, também, atenção para o que eu chamo de ‘pensamentos picados’. A pesquisa, o conhecimento não se produz apenas na consciência, nas instâncias do pensamento racional. Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig(ação). Assim, é comum que as soluções, os desfechos da pesquisa surjam em momentos em que ocorre uma espécie de ‘click’, aqueles momentos em que uma ideia parece ‘brotar’ de dentro do sujeito, meio que ‘do nada’, como se saltasse do inconsciente. Isso é o que eu chamo de ‘pensamentos picados’, pensamentos que saltitam em nós, como se fossem ‘picadas’ de um ‘inseto criação’. Atento aos processos caosmóticos também internos, o pesquisador deve estar sempre pronto a registrar essas brotações autônomas, para, com elas, em grande parte das vezes, puxar fios que ajudam a desenvolver as trilhas de saberes necessários para ‘amarrar’ a proposição da monografia, dissertação ou tese. O conhecimento e os textos científicos brotam do corpo todo, dos sentidos, dos afetos, das afecções e, tantas vezes, dessas instâncias inarticuladas, para lembrar Anton Erenzweig (1997a, 1997b), dos fluxos incorporais a-significantes, no dizer de Guattari (1992), conseguimos obter intensidades informacionais que direcionam o conhecimento realmente para regiões até então desconhecidas.

Esboçando a trama das trilhas

Muitas vezes fiquei pensando nessas trilhas como estradas a serem mexidas, remexidas, com desvios e tortuosos trechos, que inspiram cuidados e põem o pesquisador em dúvida. Na verdade, elas são frentes de trabalho, que precisam de um mapa, um desenho, um esboço de amarração de trilhas, para que o sujeito não se perca no mar de dados, na floresta da viagem investigativa. Assim, um dia, em uma supervisão de uma tese na área de Urbanismo, defini, como

proposta, o desenho da tese, dividido em eixo teórico e eixo operacional. Na prática, o desenho que proponho começa com um balão ou retângulo em que o pesquisador escreve o objeto de estudo. Desse objeto de estudo brotam duas linhas, dois eixos, que desembocam em dois outros balões/retângulos: eixo teórico e eixo operacional. Penso que é preciso que o pesquisador visualize isso. Tem que compreender que, na prática, sua pesquisa divide-se em duas grandes caminhadas, que se entrelaçam, se tocam, se misturam, mas também se distinguem. Essa primeira, a teórica, é resultado da cartografia de saberes teóricos, em que foram sinalizados os fios teóricos que dão consistência para o problema de pesquisa. O início do trabalho é com as temáticas de pesquisa, inerentes ao objeto, mas, a partir delas, à medida que as estudamos, vamos descobrindo que existem trilhas teóricas que vão dando consistência ao que imaginamos serem os nós, os pontos a serem amarrados no objeto. Essas trilhas precisam ser especificadas, abaixo do balão/retângulo “eixo teórico”. Neste texto, por se tratar de um esquema, denominarei Trilha 1, Trilha 2, Trilha 3 e assim sucessivamente. Ressalto, no entanto, que um trabalho não deve ter mais de seis trilhas teóricas. Isso porque, pela observação em quase 200 trabalhos de graduação orientados e outros tantos acompanhados em supervisão de escrita em nível de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), percebo e me autorizo a afirmar que, se as trilhas teóricas forem muitas, o pesquisador também se perde. Não há como aprofundar o percurso em muitas trilhas, de grande magnitude, mesmo em um trabalho doutoral. Vai sempre ser necessário fazer escolhas, mesmo que elas sejam múltiplas, se entrelacem e estejam pautadas pela lógica da complexidade. Também na pesquisa, é preciso ter claro o foco, os focos e direcionamentos. Vale a máxima: se você não sabe para onde vai, qualquer caminho serve. Em Ciência, isso é impossível. A condição da ciência contemporânea atenta à lógica da imprevisibilidade ou das estruturas dissipativas não significa que não há rumo algum, não significa deixar-se levar pelo universo de dados, mas, ainda mais, a necessidade de orientação e atenção no caos, para compreender as expressões dos processos subjacentes.

Um aspecto interessante é que o eixo teórico vai possibilitar a checagem do que eu chamo de equilíbrio teórico (no que ele é possível), a partir do contraponto entre as trilhas e o objeto de estudo. Assim, relendo o objeto de estudo e as trilhas, é possível verificar se há algum aspecto teórico não contemplado nas trilhas. Isso facilita muito o trabalho do pesquisador e, claro, também do avaliador. Essa checagem é interessante também, estruturando um quadro teórico em que constem os objetivos da pesquisa, conforme foi mencionado na exposição da cartografia de saberes. Todos os objetivos precisam ser analisados, em termos de necessidades de abordagens teóricas e, claro, essas necessidades têm que estar contempladas nas trilhas.

O mesmo aspecto favorável pode ser verificado no outro eixo, o eixo operacional. Ele também é desenhado, partindo do objeto de estudo e desmembra-se em outros balões/retângulos, que correspondem aos procedimentos operacionais necessários, para dar conta dos objetivos específicos previstos. Trata-se, aqui, do que eu chamo de ‘chão de fábrica’ da pesquisa, a listagem de procedimentos os mais diversos, que precisam ser empreendidos, para

que a pesquisa seja viabilizada, no que tange ao atendimento dos objetivos previstos. Do mesmo modo que no eixo teórico, esquematicamente, represento aqui como Procedimento 1, Procedimento 2, etc. Listar métodos e técnicas faz com que passemos a vislumbrar a dimensão e grandeza da parte de campo. Isso possibilita uma checagem quanto à viabilidade, mas também quanto à coerência, adequação e suficiência, em relação aos objetivos propostos. Trata-se, então, de um esboço do que eu chamo de 'equilíbrio metodológico'. Isso significa checar constantemente. Se há três objetivos específicos, por exemplo, eles têm que estar contemplados nos procedimentos operacionais. Outra grande vantagem é que essa visualização contribui para checar os instrumentos de coleta de dados que estão sendo definidos e criar, antecipadamente, elementos para a produção dos instrumentos de análise e posterior descrição. Quer dizer, se eu tenho um determinado objetivo, devo ter uma técnica de coleta prevista para dar conta desse objetivo; se eu tive uma determinada técnica de coleta, vou precisar de correspondente técnica de análise e de descrição desse tipo de dados. Tudo, absolutamente tudo, na pesquisa se entrelaça em lógicas, que não são mecânicas, tampouco mecanicistas e reducionistas, mas são padrões sistêmicos, que se interferem mutuamente e podem, assim, ajudar a dar coerência e consistência à pesquisa ou, de outra forma, a fazê-la 'desandar' de vez, perder o rumo.

A perspectiva aqui é facilitar o trabalho, para chegar à produção de uma narrativa inscriacional, que possibilite ao sujeito da escrita enfrentar as agruras inerentes ao processo e a se autorizar a ser autor da pesquisa e ser autor do texto que relata a 'viagem investigativa'. O caminho é longo, complexo, desafiador. O desenho-esboço cartográfico ajuda muito no sentido de vislumbrar o percurso e ter em mente onde se quer chegar. Isso é já um bom começo, mais que isso, é mais de meio caminho andado. Boa viagem investigativa a todos!

Referências Bibliográficas

Baptista, M. L. C. (2011). Espelho, espelho meu: 'inscriacionices' de jornalistas e a imagem de si. SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO, 2, Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná.

_____. (2012). Espelho, espelho meu: 'inscriacionices' de jornalistas e a imagem de si. COLÓQUIO BRASIL-ESTADOS-UNIDOS DE ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO, 5. Chicago, Depaul University, College of Communication. 7-8 de agosto.

_____. (2011). Jornalismo: "Emoção pra Valer!". *Psicomunicação no Ensino de Jornalistas mais Humanos*. In: DORNELLES, Beatriz; Gerbase, Carlos (org.). *Papel e película queimam depressa: como o cinema e o jornalismo impresso tentam escapar da fogueira midiático novo século*. Dados eletrônicos. Porto Alegre:

EDIPUCRS. Recuperado em 09, março, 2014, de <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0143-8.pdf>.

_____. (2012). Espelho Quebrado. Cadê o Desejo? Reflexões sobre estilhaçamentos especulares da imagem jornalística. ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 14, Universidade Federal de Uberlândia, 27 a 30 de abril.

_____. (2012). Da paixão-pesquisa ao amorcom! Relato de amorosidade e autopoiese no ensino desejante da comunicação. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL/ INTERFACES COMUNICACIONAIS, 13. Recuperado em 09, março, 2014, de <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=49640>.

_____. (2012). Imagem, Sujeito e Mídia. SEMINÁRIO TEMÁTICO GLOBO/INTERCOM 2012, 6: “Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação”. Rio de Janeiro, 19 e 20 de julho.

_____. (2012). Amorcom! Inscricionices Investigativas. Pressupostos de investigação em Comunicação, na perspectiva da Amorosidade e da Autopoiese. ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA, 1. Itapecerica da Serra, 22 a 25 de novembro.

_____. (2012). Afetiv(Ações) Comunicacionais: Trilhas de Espelhos, Desejos e Autopoiese. ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA, 1. Itapecerica da Serra, 22 a 25 de novembro.

_____. (2012). Amorcom e o ensino de Jornalismo. Produção de platôs de agenciamento de Espelhos, Desejos e Autopoiese. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, Brasília, 2(11), p. 24-40, jul./dez.

_____. (2013). Afetiv(Ações) do Texto-Trama no Jornalismo. Ensino e produção de textos jornalísticos e científicos, em tempos de caosmose midiática, 2013. FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ). ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 2. ENCONTRO PARANAENSE DE ENSINO DE JORNALISMO, 5. Ponta Grossa, 26-27 abril.

_____, Souza, R. A., PRATES, L. A. (2013). Relatos de Inscricionices Investigativas e de Amorosidade na Pesquisa Jornalística, 2013. FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ). ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 2. ENCONTRO PARANAENSE DE ENSINO DE JORNALISMO, 5. Ponta Grossa, 26-27 abril.

Baptista, M. L. C. (2000). *O sujeito da escrita e a trama comunicacional*. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, Brasil.

Capra, F. (1991). *O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. (12a ed.). São Paulo: Cultrix.

_____. (1990). *O Tao da Física*. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. (11a ed.). São Paulo: Cultrix.

_____. (1997). *A Teia da Vida*. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. (9a ed.). São Paulo: Cultrix.

- Crema, R. (1989). *Introdução à Visão Holística*. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo, Summus.
- Comparato, D. (1983). *Roteiro*. A arte e a técnica de escrever para cinema e televisão. (2a ed.). Rio de Janeiro: Nórdica.
- Eco, U. (2002). *Como se faz uma tese*. (18 ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Ehrenzweig, A. (1977a). *A Ordem Oculta da Arte: A Psicologia da Imaginação Artística*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____. (1977b). *Psicanálise da Percepção Artística: Uma Introdução à Teoria da Percepção Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Guattari, F. (1981). *As três ecologias*. (3a ed.). Campinas: Papirus.
- _____. (1992). *Caosmose*. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- _____. Linguagem, consciência e sociedade. In: Lancetti, A. (1990). *Saúde Loucura*, n. 2, (3a ed.). São Paulo: Hucitec, p. xx-xx.
- _____, & Deleuze, G. (1995). *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- _____. (1988). *O inconsciente maquínico*. Campinas: Papirus.
- _____. (1987). *Revolução molecular*. Pulsações Políticas do Desejo. (3a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1986). *Cartografias do desejo*. (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Lima, E. P. (1994). *O tao entre nós*. São Paulo: Com-arte.
- _____. (2004). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura*. São Paulo: Manole.
- Lopes, M. I. V. (2005). *Pesquisa em Comunicação*. Formulação de um Modelo Metodológico. (8a ed.). São Paulo: Loyola.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Morin, E. (2013). *Ciência com Consciência*. (15a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*. São Paulo: Instituto Piaget.
- PRIGOGINE, Ilya (2000). Carta para as futuras gerações, Caderno Mais!, *Folha de São Paulo*, 30 jan.

_____. (2001) *Ciência razão e paixão*. In: CARVALHO, Edgard de Assis e ALMEIDA, Maria da Conceição (org). Trad. Edgard de Assis Carvalho, Isa Hetzel. Belém, Pará: Eduepa.

ROLNIK, Suely (1989). *Cartografia Sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade,

Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

_____. (1997). *Um discurso sobre ciências*. (2a ed.). Porto: Afrontamento.

Santos, M. (2008) *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. (4a ed. 4a reimp). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SEVERINO, A. J. (2001). *Metodologia do Trabalho Científico*. (22a ed.). São Paulo: Cortez-Autores Associados.